



## **A literatura gay como ferramenta de resistência no campo: como é ser gay em um território predominantemente machista?**

Gay literature as a tool of resistance in the countryside: what is it like to be gay in a predominantly sexist territory?

SILVA, Isaac José da Silva

Universidade Federal de São João del Rei, isaacrs7@hotmail.com

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

#### **Eixo Temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia**

**Resumo:** O objetivo é apresentar o romance gay “O Peso do Vento” que foi escrito pelo autor Isaac Ribeiro e publicado em 2020 pela editora Autografia. Nesse romance, o autor apresenta as vivências de uma agricultura familiar inserida em um contexto rural de práticas agroecológicas. O personagem principal do livro é Lucas, um jovem gay que se descobre homossexual e com seu vizinho, Pedro, vive um romance conturbado pelas experiências religiosas que perpassam os códigos de conduta da pequena comunidade rural do Retiro de Baixo. O romance trata de aspectos importantes vivenciados pela agricultura familiar em comunidades rurais de Minas Gerais, a exemplo das estradas rurais com pouca ou nenhuma manutenção pelo poder público e que dificultam o escoamento da produção e a falta de capacitação para o aprimoramento profissional, tanto no que se refere ao manejo da produção, quanto à logística da venda dos produtos produzidos pelas famílias.

**Palavras-Chave:** agricultura familiar; preconceito; literatura, romance.

#### **Contexto**

Meu nome é Isaac José da Silva, filho de pequenos produtores rurais. Sou um homem bissexual, branco e proprietário de um pequeno pedaço de terra, herdado dos meus pais, em São João del Rei (Minas Gerais). Desde muito cedo aprendi com meus pais a lida na terra.

Estudei em uma escolinha de chão batido, multisseriada; não tínhamos água encanada e a comunidade abastecia a caixa d’água da escola com água levada em latões de leite pela comunidade, em carros de bois. Cada família abastecia a escola de água, por uma semana. Na época, por volta dos anos 80, ninguém da nossa comunidade tinha trator para transportar água e outros afazeres. As charretes puxadas a cavalo e os carros de bois eram utilizados nos afazeres da comunidade.

Na maioria das vezes não tínhamos merenda e a prefeitura de São João del-Rei quando mandava alguma merenda, esta era pouca e não abastecia a escola nem por uma semana. Diante desse problema a comunidade se reuniu e nossos pais passaram a abastecer a escola com merenda coletiva, fornecendo alimentos que as nossas famílias produziam. Todos os dias os estudantes da escolinha levavam, junto com o material escolar, alimentos para complementar a merenda escolar. Tudo que levávamos era muito especial, embora não compreendíamos assim à época. Levávamos apenas o que os nossos pais produziam na roça: arroz, feijão,



mandioca, ovos, leite, gordura de porco, verduras e as frutas da temporada que tínhamos no nosso sítio.

Nossa escola nunca teve biblioteca e os livros que estudávamos eram antigos; tínhamos que estudar em dupla para que todos os alunos pudessem seguir a lição. Na maioria das vezes a professora trazia material escrito à mão para ser utilizado em sala de aula.

Nesse ambiente simples e com seus códigos de conduta, meus princípios de cidadão foram forjados. Desde muito cedo percebi que minha vida não seria fácil e que era diferente dos garotos da minha idade. Não gostava das brincadeiras selvagens que geralmente rodeavam as brincadeiras da roça. Sempre gostei de ler e escrever poesia. Com o passar do tempo fui obrigado a reprimir meus desejos e sufocar aquele menino que havia em mim. Na adolescência tentei muitas vezes me libertar das amarras sociais binárias da heteronormatividade, mas naquela época e naquele ambiente rural só existiam dois lugares de fala: o dos homens e das mulheres héteros. Como eu não era nem uma coisa nem outra, me apropriei da terceira via: o de gay que sobrevive no armário.

No início da juventude fundei com mais dois primos a primeira Associação dos Pequenos Agricultores Familiares da Comunidade do Valo Novo. Fui eleito presidente e presidi a nossa associação por dois mandatos. Nesse período casei e assumi as responsabilidades de um homem hétero, que de fato nunca escolhi ser.

Separei, quebrei financeiramente, vendi o gado, a plantação e o meu pequeno pedaço de chão. Sem dinheiro e sem muita alternativa naquele ambiente duro e hostil, fugi para a cidade, onde eu esperava me esconder do mundo e ter um pouco de acolhimento. Não tive problemas com trabalho, pois os anos de experiência com a terra me deram logo o trabalho de jardinagem, terrenos baldios para carpir e serviços que exigiam a força bruta.

Com o incentivo de uma prima cheguei à universidade. Fui aprovado no curso de Filosofia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Quando entrei na universidade um mundo de possibilidades se abriu para mim. Voltei a sonhar e percebi que tudo era possível se eu arregaçasse as mangas e encarasse com responsabilidade aquele novo desafio. Claro, os desafios não foram poucos, pois na época eu sequer sabia ligar um computador e muito menos sobre o ambiente acadêmico, mas trazia comigo todos os saberes rurais tão caros à minha subjetividade e identidade.

Nesse caminho universitário, um professor me estendeu a mão e me levou para seu grupo de estudos. Recomecei uma nova direção a partir do zero, mas sem deixar morrer aquele menino simples que um dia foi alfabetizado em uma escolinha multisseriada de chão batido. Hoje sou graduado filosofia pela UFSJ, mestre em filosofia pela UFRGS e atualmente sou mestrando no Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade



(PIPAUS), da UFSJ, onde pesquiso a literatura LGBTQIAPN+ rural, seus códigos de conduta e seus mecanismos de resistência. Sou autor dos livros “A Fuga do Tempo” e um romance gay “O Peso do Vento”.

### **Descrição da Experiência**

O livro conta a história de dois garotos da roça. São filhos de pequenos agricultores e, desde muito cedo, são forjados com os saberes e valores da terra. Lucas, filho de pequeno produtor rural, e Pedro, filho de colonos em uma fazenda. A trama se desenvolve em um ambiente simples no interior da comunidade do Retiro de Baixo. Na comunidade quase ninguém tem energia elétrica e água encanada. A agricultura é de subsistência e o ambiente é de profunda religiosidade e machismo. A vida dos agricultores familiares do Retiro e Baixo é rodeada de trabalho na roça e paixão pela terra. Tudo é muito simples e as famílias compartilham suas experiências nas festividades da igreja. O dinheiro é escasso e ter carro então, é artigo de luxo, mas isso não foi problema para a mãe de Lucas, que propôs à família um grande desafio: comprar um carro com o dinheiro de ovos e frangos que a família produzia. De modo apreciável, a mãe do protagonista aparece na história como uma mulher forte, que confronta o machismo e borra a história heteronormativa. Uma mulher carregada de vontade, que potencializa os saberes rurais por meio da vivência. Influente nas decisões da família, capaz de fazer dinheiro com pouco, de não ficar refém das vontades do marido, capaz de manifestar sua opinião e ignorar por vezes as tradições e costumes que anulam sua condição de sujeita.

Essa mulher forte e admirável carrega um trauma de infância: quando uma menina foi abusada. Ao invés das pessoas buscarem punição para o estupro e darem suporte para ela, ficavam julgando-a e perguntando se conseguiria casar, já que não era mais virgem. Sobre essa temática do sexismo, o livro aborda várias críticas ao patriarcado e às convenções sociais presentes no cotidiano rural. Quantas vezes nós vemos a sociedade culpar a vítima, apequenar seu imenso sofrimento? Quantas vezes a família e a sociedade não oferecem suporte às pessoas abusadas? Até quando vamos olhar para a agricultura familiar com resquícios da síndrome do cachorro vira-lata? Precisamos entender a potência e o nosso lugar no campo. Precisamos fincar nossa bandeira da agroecologia e demarcar nossos territórios com inteligência e perseverança. O mundo precisa de mudanças e essa mudança está nas mãos de mulheres como Terezas, Marias, Sebastianas e tantas outras, como a mãe do protagonista Lucas nos ensina.

O pai de Lucas é um agricultor familiar e produtor de queijo. Ele ensinou ao filho, desde muito cedo, os ofícios da produção e a lida no sítio. Em meio a essa pitoresca comunidade do interior de Minas Gerais, a história de Lucas e Pedro foi se desenhando.



## Resultados

É com entusiasmo de histórias, onde a ficção se mistura com a realidade, que eu apresento, “O Peso do Vento”, ao XII Congresso Brasileiro de Agroecologia. *Peso do Vento* é resultado das reflexões acadêmicas e de experiências vividas no campo. É um livro potente, reflexivo, que apresenta de maneira comovente as realidades sociais do campo: a exemplo do pai do protagonista que é um agricultor familiar e passa o dia cuidando das vacas, tirando leite e fazendo queijos, mas quando vai vender qualquer um desses produtos na venda do arraial, recebe um valor injusto, aquém do valor de mercado. O texto aborda situações comuns, como esta dos atravessadores nas comunidades rurais, que exploram os verdadeiros donos dos produtos e suas forças de trabalho, levando a muitos filhos de agricultores familiares a deixarem suas terras em direção às cidades, inflando ainda mais os grandes centros urbanos.

Muita coisa acontece nesse romance: brigas, preconceitos, estupro, abandono e sofrimento, mas também temos as partes boas da história: a liderança feminista da mãe de Lucas, o convívio gostoso dos personagens com a natureza, com os animais, e claro, a vivência do amor puro de dois garotos que só querem ser felizes do seu jeito.

O livro tem chegado, mas bem aos poucos, às comunidades rurais e espera-se que mais pessoas possam lê-lo. Ainda não é possível avaliar, mas espera-se que os filhos de pequenos produtores que passam pela problemática da homossexualidade encontrem apoio nessa história e não tenha que abandonar a sua terra em busca de liberdade. Espera-se que esse livro traga esperança na vida de pessoas LGBTQIAPN+, que buscam viver na roça, trabalhar com a terra e viver suas identidades sem temer o preconceito, a violência social, política e religiosa que a maioria da população LGBTQIAPN+ enfrenta todos os dias.

## Agradecimentos

Agradeço a todos e todas que contribuíram para a elaboração do livro e com a minha caminhada entre roças e cidades. Agradeço também a professora Irene Cardoso (UFV) pelo apoio e incentivo na minha escrita. Ao programa de Pós-graduação (PIPAUS) da Universidade Federal de São João del-Rei onde desenvolvo uma pesquisa de mestrado acerca da literatura LGBTQIAPN+ rural e seus mecanismos de resistência e ao meu orientador Carlos Frederico B. Pontes.

## Referências bibliográficas

Ribeiro, Isaac. **O Peso do Vento**. Autografias, Rio de Janeiro, 2020. 170 p.